

***L'attente L'oubli*: exigüidade do discurso ou ensaio para uma comunicação ?**

Cristina Elizabeth Strauss

UFF

Resumo:

Este artigo tem como seu principal objetivo observar o progresso dos diálogos em *L'attente l'oubli*, novela escrita por Maurice Blanchot ícone literário francês, que atravessa com sua literatura questionadora todo o século XX. Este texto mencionado trouxe à tona algumas inquietudes que para mim surgiram de uma forma pungente apontando um certo incômodo interno.

Os personagens em *L'attente l'oubli* estão fechados numa identidade bastante movediça, e o livro expõe através da angústia destes indivíduos as rotas circulares que os seres humanos em geral se encontram, acabando impedidos assim de usufruir do momento onde a manifestação do *outro* num diálogo possa existir, ficando tudo renegado a repetição inútil. Os seres vivem esta experiência sem sentido, devido ao fato de que os limites do entendimento estão bloqueados devido às vivências de fantasias, memórias e obsessões cultivadas, as quais como fantasmas bloqueiam o acesso ao *outro*. Este trabalho como será observado, foca sua lente e se apóia num artigo do livro *La pensée dérobée* do cientista político Jean-Luc Nancy. Tal escritor francês e sua visão do intrínseco do ser humano são de vital importância no processo de compreensão do que a *comunicação* com o outro realmente é.

Palavras-chave: comunicação, outro, vazio, interstício, pensamento, impossibilidade, fora, repetição, novo, sentido.

***L'attente L'oubli*: the exiguousness of discourse or an essay for a communication ?**

Abstract:

This paper has, as its main objective, the observation on the progression of the

dialogues in *L'attente l'oubli*, a novel written by Maurice Blanchot. This text brought me about a few inquietudes that appeared under a pungent shape reflecting a kind of an uneasiness.

The individuals in *L'attente l'oubli* are closed in a wavering identity and the book shows, through the anguish of its characters, the circular routes in which our thoughts meet, inhibiting us to live the moment where alterity may occur mainly in a dialogue. The experience to which a man shall arrive is pointless due to the fact that the limits of the understanding, the fantasies, the memories and the obsessions cultivated happen to develop as phantoms that block the access to “*the other*”. This paper is influenced by an article signed by Jean-Luc Nancy, from his book *La pensée dérobée* which will be of a fundamental importance to the process of understanding what communication might really be.

Keywords: communication, the other, interstice, emptiness, thought, impossibility, outside, repetition, the new, sense.

L'ATTENTE L'OUBLI: EXIGÜIDADE DO DISCURSO OU ENSAIO PARA UMA COMUNICAÇÃO ?

Este trabalho se ateve a observar a primeira parte do livro *L'attente l'oubli* de Maurice Blanchot que apresenta uma narrativa não linear, na qual o autor do texto escreve numa forma fragmentada e nos oferece uma interessante investigação e demonstração de como a escritura fragmentária pode, não só definir estilos; mas possibilitar um trabalho de auto reflexão no leitor.

No caso de *L'attente l'oubli* os fragmentos que vão se seguindo diálogo após diálogo, alcançam o poder de multiplicar as maneiras pelas quais uma resposta dentro da narrativa pode ser obtida “*como uma junção de várias opções de decisões que podem ter diferentes significados*”.¹ A narrativa vai evidenciando para o leitor que o autor não tem interesse de colocar esses fragmentos como se estivesse elaborando um enredo hollywoodiano. A intenção do autor é estar fora de qualquer contexto.

Uma voz feminina a qual não é escutada nem entendida pelo narrador/personagem surge no desenrolar do texto, possuindo esta uma evidente

¹ BLANCHOT, M. *Le pas au-delà*. 1973, p.113 .

fragilidade. Por outro lado próprio narrador/personagem também parece demonstrar uma insegurança, temor e instabilidade, uma vez que suas perguntas sempre parecem culminar numa súplica. É como se ele precisasse ouvir da outra voz uma vitalidade, porque apesar de uma aparente desistência, na realidade seu grande desejo, a meu ver, é pensar junto com a personagem feminina, o que lhe renderia prazer.

Os indivíduos em *L'attente l'oubli* estão fechados numa identidade vacilante. Esse embotamento se dá por causa de seus limites de entendimento, fantasias, lembranças, obsessões, que evoluem como fantasmas que impedem uma comunhão com o “outro”. O livro mostra através da angústia dos personagens, os caminhos circulares em que nossos pensamentos se encontram, impedindo-nos de uma comunhão com o “outro”.

Observa-se que os sujeitos do texto representam o desprendimento da significação e demonstram através da suposta organização das frases e das palavras do autor, que de frase em frase num momento sub-reptício pode ocorrer uma brecha capaz de insinuar um vislumbre de supreação. Blanchot nos parece querer dizer neste texto que todos nós estamos absorvidos pelo interior das coisas, e deixamos o “vazio” do que está fora deste hábito passar ao largo. Observamos em alguns raros fragmentos do texto que o “vazio” blanchotiano aparece no interstício de um afastamento ou brecha, onde o ar penetra apertadamente o espaço abafado.

...Il n'a pu s'empêcher, tandis qu'il réunissait les feuillets - et maintenant elle le surveillait d'un regard curieux - de se sentir lié à elle par cet échec. Il ne comprenait pas bien pourquoi. Il l'avait comme touchée à travers le vide, il l'avait vue un instant. Quand ? Tout à l'heure. Il avait vu qui elle était. Cela ne l'encourageait pas, cela mettait plutôt le point final à tout. ²

O uso da palavra para os personagens de *L'attente l'oubli* vem do arsenal de conhecimentos armazenados na mente do indivíduo e mesmo numa quantidade ilimitada não resolvem o problema do “entendimento”, que tanto intriga o personagem/narrador, que demonstra através das angústias e sentimentos descritos que gostaria de estar numa relação onde o “entendimento” com a personagem

² BLANCHOT, M. *Le dernier homme*. 1953, p. 53

feminina ocorresse através de um momento onde fosse possível perceber uma fala nova que partisse de uma instância do ser que estivesse ainda virgem, o que na terminologia de Blanchot podemos considerar como sendo o “dehors”, o lugar do vazio ou o novo .

Os personagens de *L'attente l'oubli* ansiosos para dar um sentido a mais para suas palavras conversam sem dar espaços dentro da “espera” para uma palavra diferente. Existe nos protagonistas uma dispersão. — Eu me pergunto, observando este texto se nós indivíduos sentimos e pensamos o que dizemos. — Se nosso pensar e agir andam concomitantemente até a culminação de um querer. No livro em questão fica sub-entendido que existe no ser humano uma sabotagem, a qual vai gerar para a grande maioria dos seres uma impossibilidade, a qual leva o homem a deixar escapar o que ele realmente quer, e a *espera* é nula neste caso, já que o “dizer”, ou seja a “comunicação”, que seria o elemento gerador de possibilidades, não fundou nada, ocorrendo somente um discurso — Nos damos conta disso? Os diálogos de *L'attente l'oubli* mostram que existe uma parte de nós que está afastada de uma nova forma de pensar que deveríamos elaborar durante a *espera*. Em um diálogo do livro em questão podemos observar as colocações abaixo:

Leur paroles, elles ne s'égalent pas encore, même si elles disent ce qui les rapporte également l'une à l'autre. Comme si elles cherchaient les niveaux où, paroles égales, elles laisseraient s'établir entre elles l'égalité silencieuse, celle qui se fait jour à la fin. Parole de sable, rumeur de vent.

— *Est-ce que cela arrive ? — Non, cela n'arrive pas. — Quelque chose vient cependant.*³

*Même si parler également était possible, même si parler assurait cette égalité, travaillait à cette identité, quelque chose d'essentiel n'en manquerait pas moins à la parole.*⁴

O livro de Blanchot nos coloca em contato com nossas paredes interiores, nos faz desejosos de perceber como está nossa comunicação conosco e também com o outro, uma vez que indagamos como está nosso compromisso com o outro e

³ BLANCHOT, M. *L'attente l'oubli*. 1962, p. 114-115.

⁴ *Ibidem*, p. 114-115.

conosco. Surge mais uma questão: será que nossa linguagem é investida de uma ação a fim de produzir a comunicação que queremos, com o que não é idêntico a nós?

Apesar do personagem/narrador procurar suas respostas no “tu” e no “je”, já em *Le Dernier homme*, outra novela de Blanchot, o alvo da busca não se situa no “je” nem no “tu”, “*mas em qualquer lugar na direção do mar*”⁵. Ali Blanchot reconhece que os alicerces da busca se estabelecem fora do sujeito, questionam o infinito, são impossíveis de nomear, só podem existir como “nous” e nunca numa cisão.

Em *L’attente L’oubli* o autor nos leva a compreender que a palavra que se repete dentro do indivíduo parecendo tomar conta do seu espaço interior e multiplicando-se na sua dispersão de palavra sem limites, não leva a “comunicação”, e corresponde a um modelo arcaico do pensar humano. Os personagens da obra de Blanchot não podiam conseguir uma comunicação como queira o narrador/personagem, uma vez que não havia um meio para uma comunhão de pensamentos porque os pensamentos não se desenrolavam livremente, abertos para o “novo” (movimento espiralado) fosse este desastroso ou maravilhoso, ocorrendo um primitivismo e uma exigüidade do “ser”.

— *Je ne desire pas le savoir. Je desire que vous me le disiez pour n’avoir pas à le savoir. »*

— *‘Non, non, pas cela. »*

Il savait, et il lui semblait qu’elle savait, qu’il y avait quelque part ici comme un vide. S’il s’interrogeait, avec cette patience qui réussissait à écarter sans violence les notions étrangères, il n’hésitait pas à conclure que le vide se trouvait à un endroit qu’il aurait pu situer, s’il avait été capable d’y appliquer plus sérieusement son esprit...⁶

Chegar a entender como pode ocorrer o “compartilhar” tão ansiado pelos personagens de *L’attente l’oubli*, ou seja, a experiência do “nous” tornou-se objetivo meta constante durante a leitura do livro. Uma pista que ajuda a esclarecer a

⁵ BLANCHOT, M. *Le dernier homme*, 1992. p. 56

⁶ BLANCHOT, M. *L’attente l’oubli*. 1962, p. 25.

questão é fazer uma releitura do texto “*Repondre du Sens*” de Jean-Luc Nancy ⁷, onde o autor nos esclarece que comunicar é possível; mas através do que ele chama de “reenvio”, o qual ocorre com a estimulação do “sentido” que é a abertura para este reenvio.

Torna-se fundamental esclarecermos que para Nancy o seu conceito de “sentido” está vinculado à noção do que pode ser compartilhado, ele é um “pouvoir comprendre” e é necessariamente a passagem *do um ao outro ou de um para o outro*, diferente da relação *um e outro*. Para o cientista político francês não podemos ficar presos a um único sujeito do sentido, um “je” ou “tu”, uma vez que esse sujeito sozinho não pode ouvir os sentidos que produz, e muitas vezes como é observado nos personagens de *L’attente l’oubli*, ocorre uma espera passiva, do que o outro diga ou faça, o que é infrutífero. A proposta de Nancy, não fala do lugar do “Je” e do “Tu” no seu texto como os perdedores da possibilidade do “Nous”, mas para o escritor para acontecer o que ele chama de “sentido”, ou seja, aquilo que pode nos abrir ao “nous”, ou a “comunidade”, necessário se torna saber que aquele que quer se comunicar precisa se **dilatar, ampliar**, que são atitudes ativas e coerentes com sua proposta. Neste estado de capacitação existe a possibilidade de se “mise en sympathie”, ou relação de “vibração à vibração”, conforme diz Nancy, onde o sentido pode ressonar, e assim uma partilha ocorrer. Podemos observar Nancy,

Le sens est lui – même formé et défini par l’espacement interne de son renvoi et tout d’abord de l’envoi par lequel il se destine et il se désire lui-même comme une réponse à son propre envoi. ⁸

No texto de Nancy os paradoxos que são aporeticamente trazidos à tona pelos personagens de *L’attente l’oubli* ganham uma possibilidade de ser reavaliados, pois o “nous” tão desejado, como se percebe na novela de Blanchot, obterá uma nova vertente para que seja elaborado, já que para Nancy este está contido não na relação do estar ao lado do outro (“je” + “tu”), sem conseguir contacto, mas sim numa perspectiva de troca entre *singularidades*, onde o “Je” + o “tu” perdem qualquer sentido, ganhando força o que o “Je” tem de diferente para compartilhar com o “tu” e vice-versa.

⁷ NANCY, J.L. «Répondre du sens» In : *La pensée dérobée* 2001.

⁸ NANCY, J.L. «Répondre du sens» In : *La pensée dérobée* 2001, p. 172

⁹ Ibidem, p. 172

O texto “Répondre du sens” vem mostrar que onde existe a possibilidade de reconhecimento de *singularidades e diferenças* pode ocorrer a instauração do “sentido” que Nancy considera como uma exaltação de um “vouloir dire” e “vouloir comprendre”, que são o passaporte de possibilidade de envio e reenvio, de pergunta e de resposta, ou seja, a capacidade e acessibilidade ao que é possível de ser pensado diferente, porque a sensibilidade está ativada. Este é o momento da “comunicação”, ou seja, da percepção de uma “harmonia criadora” de possibilidades que estão aquém e além do “Je” e do “tu”.

En ce sens, nous ne sommes jamais, chacun l'un(e) à coté de l'autre, que des points singuliers le lang d'un envoi général que le sens fait de lui-même. Vers lui-même et qui commence et qui se perd très en deçà et très au-delà de nous. 9

Referências Bibliográficas

- BLANCHOT, M. *L'attente l'oubli*. Paris, Gallimard, 1962;
----- . *Le dernier homme*. Paris, Gallimard, 1957;
----- . *Le pas au delà*. Paris. Gallimard, 1971;
NANCY, J.L. *La pensée dérobée*. Paris, Galilée, 2001